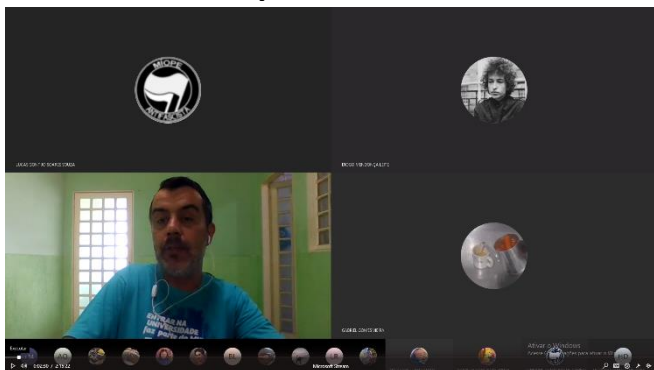




Patos de Minas, 20 de Julho de 2020 – Nº 11 – Ano II

Tempos estranhos



Para qualquer um que está estudando nesse período, ou que conhece alguém que está, uma coisa é clara: ninguém consegue domar muito bem essa besta que é o Ead. Nem professores, nem alunos, nem coordenadores, nem mesmo os pais.

E para quem está vivo nesse momento, várias outras bestas indomáveis se apresentam: saudades, expectativas muitas que caíram por terra, medo, insegurança, raiva...

A produção desta Folha, que a nossa vida escolar já atrapalhava muito, ficou sem rumo, foi difícil retomar. Tanto é que os textos nessa edição já estavam quase todos prontos desde o ano passado, e só agora acharam seu lugar em uma plataforma óbvia, mas para nós inusitada: a internet.

Por aqui continuarão a aparecer as ideias que nos motivaram a criar uma coisa nova, que sempre pareceu tão legal e que tem sido bem legal mesmo, porque escrever nos faz bem, e é bom poder fazer isso na escola, transformar aspirações que parecem ser possíveis só no fim da faculdade em atividades cotidianas desde muito cedo.

Que possamos todos continuar atrás dessas aspirações, sejam quais forem, ainda que seja em casa, ainda que seja agora, mas que SEJA.

O Editor

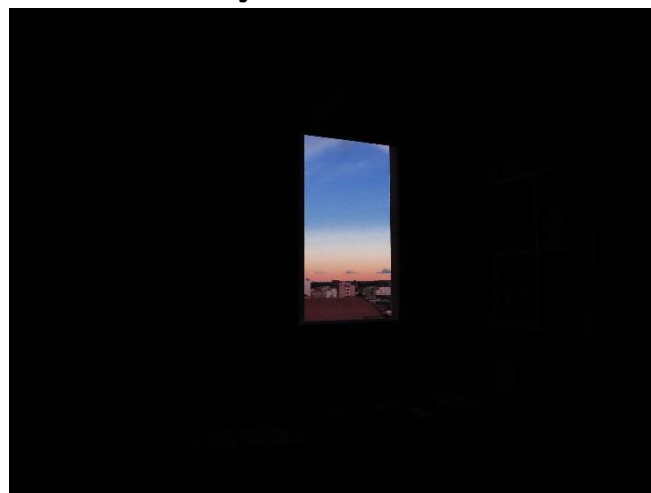
ENTREVISTA COM LÍVIO SOARES

Foto | Pablo Marques



Um dos nomes mais relevantes da fotografia e literatura patense contemporânea, Lívio acaba de lançar seu novo livro, “O Fim do Brasil”. *Por: Gabriela Maciel >> Página 3.*

LIÇÕES DA CRISE



Ana Clara Santos apresenta em uma crônica direta e pertinente algumas lições importantes que podemos aprender com os “tempos de corona vírus”. >> **Página 2.**

Lições da crise

Até bem pouco, ninguém tinha tempo para nada. Não tinha tempo para brincar com os filhos. Não tinha tempo para ajudar os pais. Não tinha tempo para visitar a família, nem para passear. Não tinha tempo para ir à Igreja, nem para rezar. Não tinha tempo para estudar nem para ler um livro. A vida era “muito corrida”. As pessoas tinham milhares de tarefas para realizar em um curto espaço de tempo, então acabavam precisando deixar algumas coisas de lado.

De repente, a situação mudou. Veio a pandemia, e, com ela, a quarentena. De uma hora para outra, estavam todos trancados dentro de casa, por medo do novo vírus, que se espalhou rapidamente pelo mundo. Aí, o tempo, que antes faltava, começou a sobrar: a vida tornou-se bem menos agitada. E agora era pouca coisa para muito tempo. E aquelas atividades que antes não tinham lugar na rotina passaram a ter.

O problema é que nem todas elas estavam disponíveis mais. Assim como as escolas e o comércio, as igrejas fecharam. Os familiares não podiam ser visitados, por causa do isolamento. Os passeios não podiam mais ser feitos. As máscaras impediam os beijos, e a distância, os abraços. Veio a saudade. Tentaram compensar: fizeram lives e videochamadas. Mas não era a mesma coisa. O que antes não era muito valorizado, quando perdido, passou a ser (família, amigos, amor, carinho, orações).

Agora cabe a nós aprender a lição e passar a valorizar o que realmente importa, para que quando termine a quarentena nos lembremos disso. Só assim não nos tornaremos novamente superficiais e fúteis, pessoas que, como diria Nelson Rodrigues, têm a alma mais árida do que três desertos.

Ana Clara Santos

CULTURA

ENTREVISTA FABIO RIBEIRO

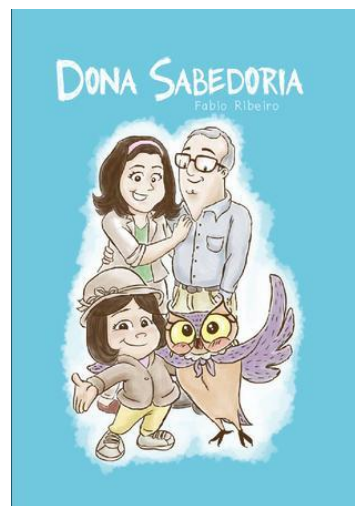


Ilustração do livro infantil “Dona Sabedoria”, de Fabio Ribeiro

Fonte: https://issuu.com/cvzlpropaganda/docs/donasa_bedoriafinal3622de63f036e5

Entrevista realizada em junho de 2019

Folha Champagnat: Por que seu livro se chama Dona Sabedoria?

Fabio: Acho que escolhi esse nome porque a coruja é o símbolo da sabedoria, e porque no livro a Dona Sabedoria vem trazer o amor, que pra mim é o princípio da sabedoria, é o que nos motiva a adquirir essa sabedoria da vida.

FC: O que te motivou a escrever para o público infantil?

F: Na realidade, isso ocorreu praticamente por acaso, porque o livro surgiu como uma homenagem à minha filha, a Maria Paula. Depois que a história e as ilustrações ficaram prontas, alguns amigos me incentivaram a publicar, e foi o que eu fiz.

FC: No livro, a sabedoria é definida como “o dom de fazer tudo com muito amor e respeito”. Na sua opinião, o que todos nós podemos fazer para nos tornarmos mais sábios?

F: Eu acredito que nós precisamos, primeiramente, olhar para nós mesmos, pois a partir do momento que a gente conhece nossas qualidades e nossos defeitos, a gente vê o outro com amor, aceitação e sem julgamentos. A partir disso, nós conseguimos viver de forma mais sábia, ou seja, saber viver da forma mais plena possível.

FC: A história conta que a Dona Sabedoria é apresentada à Maria Paula por seu pai. Ao seu

ver, qual é a importância da participação dos pais no desenvolvimento do intelecto de seus filhos?

F: Essa participação é essencial. A escola vem para complementar, mas é com os pais que as crianças tem a capacidade de desenvolver a vontade de aprender mais, de se abrir pro mundo, de expandir seus conhecimentos... os pais exercem, principalmente na primeira infância, de fazer o caminho com os filhos das descobertas do mundo.

FC: Você participou da edição da Fliaraxá de 2019. Para você, qual a importância de eventos como esse para a literatura brasileira?

F: É extremamente satisfatório participar de um evento como esse, porque a gente percebe que nem tudo está perdido. Com toda essa situação do Brasil atual, é perceptível que feiras como essa trazem um fôlego novo, e trazem até um encorajamento para que as pessoas vão em busca de novos conhecimentos, de exercitar o senso crítico, de poder se expressar e entrar em contato com o que há de mais grandioso na arte, principalmente na arte brasileira, que possui uma beleza grandiosa. Há tantas coisas na arte que trazem lembranças de um passado conturbado, e que hoje traz uma esperança de que pode ser diferente. Então esse evento, além de ser grandioso para a literatura, também possibilita a troca de experiências, algo extremamente necessário.

FC: Quais foram os reflexos do lançamento do seu livro, tanto na sua vida profissional quanto relacionado à questão de realização pessoal?

F: Tem sido muito bacana e tem me ajudado muito. Além disso, foi um desafio pra mim, porque eu sou um pouco tímido, não sou tão expressivo, e a partir do livro e de uma coluna que eu tive no jornal local da minha cidade por muito tempo (atualmente eu tenho um programa na TV local), eu consegui me expressar melhor. Eu sempre digo que é a Dona Sabedoria que me guia. Tenho ido também em algumas escolas para falar sobre o livro, e em cada criança que fica encantada em conhecer um autor eu me sinto realizado.

FC: Você possui interesse em lançar outros livros? Talvez para algum público que não seja o público infantil?

F: Eu já escrevi meu segundo livro, que é “O menino que não jogava futebol”. Ele está na parte da ilustração. Além disso, eu pretendo sim escrever para outros públicos, como o público adulto, por exemplo, que eu já tenho certa experiência por conta da minha coluna. Então, eu tenho a intenção de continuar escrevendo, até porque quando se inicia a escrever, é muito difícil parar.

Gabriela Maciel

ENTREVISTA COM LÍVIO SOARES DE MEDEIROS



Escritor e fotógrafo Lívio Soares, durante a entrevista realizada em setembro de 2019

Lançando, em meio à pandemia, seu oitavo livro, “O fim do Brasil” (Chiado Books), o professor, fotógrafo e escritor Lívio Soares de Medeiros é um dos nomes mais importantes da cultura patense hoje em dia, e concedeu uma entrevista sobre seu trabalho e suas visões de mundo para a Folha.

Folha Champagnat: Na conjuntura atual, temos visto diversos casos de censura à literatura. Um desses casos ocorreu na Bienal do Livro no Rio de Janeiro, que foi inclusive comentado por você em um texto. Como você vê este fator relacionado à arte brasileira, durante toda a sua história?

Lívio: Eu vejo com muita preocupação. Está na constituição que há o direito de expressão, e as pessoas têm de tomar cuidado com isso, porque isso não significa que elas não devem se responsabilizar pelo que expressam. Logo, eu defendo o direito de expressão do mesmo modo como eu sou partidário da ideia de que a pessoa

deve se responsabilizar. A partir do momento em que se quer privar o pensamento, você está indo contra a Constituição. Como se não bastasse a questão legal, eu acredito que é extremamente ignorante querer ditar para o outro o que ele deve ou não deve ler. Isso é não acreditar na independência mental e querer doutrinar de uma maneira tacanha. Logo, eu me posiciono contra esse episódio, e me sinto triste ao ver que vivemos em um país onde estão tentando barrar a liberdade de ideias; porém, eu sei que isso não é novo na nossa história. Apesar disso, eu parafraseio sempre uma frase que eu vi pichada em um muro aqui em Patos, que diz o seguinte: “Eles destruíram as nossas vidas, mas não as nossas ondas. Assinado: Os surfistas”. Então, eu acredito que, por mais que exista a censura, o conhecimento ficará.

FC: Apesar de se produzir muita literatura em Patos, pouco se conhece sobre ela. Como você acha que ela pode ser incentivada?

L: Acho que uma coisa já está sendo feita, por exemplo, aqui na escola. Isso que vocês estão fazendo (trabalho da MMC 2019 do 1º ano sobre escritores patenses) é um trabalho louvável não só por ser local, mas por ser literatura. Em relação a esse desconhecimento sobre essa literatura regional, eu creio que não seja um fenômeno patense, mas, sim, nacional. Nós vivemos em um país que não lê o próprio país e que não está preocupado em ler para interpretar o próprio país. Eu entendo e até mesmo realizo essas críticas a Patos, mas isso corre em todo o país. Por exemplo, na Bienal do Livro no Rio, por mais que seja frequentada por muitas pessoas, a porcentagem de moradores do Rio de Janeiro que foram à Bienal seria mais ou menos a mesma de patenses que vão a um evento literário aqui.

FC: Atualmente, vemos nitidamente que ocorre um processo de massificação da cultura. O que você pensa dessa questão do olhar excessivo somente para a cultura de massa e uma possível despreocupação com as demais culturas?

L: Eu creio que existem coisas boas na cultura de massa, o problema é a massificação. Eu vejo isso com muita preocupação, pois pode repercutir a ideia de que alguém que nasce nos EUA ou em algum país europeu é superior a um brasileiro. Além disso, muitas das pessoas que nascem no Brasil passam a não conhecer as tradições do seu

país. Por exemplo, se comemora muito aqui o Halloween. Não estou dizendo que não se deve comemorar, mas por que não conhecer as nossas tradições? Então eu vejo isso com certa tristeza. Eu me questiono com frequência se os brasileiros estão muito voltados para o conhecimento internacional ou se eles estão apenas realizando o consumo midiático desse conhecimento industrializado, e consequentemente abrindo mão da sua cultura.

FC: Patos é uma cidade interiorana e que tem uma população conservadora. Os textos que você publica nas suas redes sociais normalmente possuem ideias que divergem desse pensamento, principalmente no que se refere ao governo atual. Você sente que isso interfere na sua convivência com a sociedade patense?

L: Eu ainda não tive consequências graves por conta disso, como por exemplo ser ameaçado. O que acontece comigo é que sou muitas vezes atacado em redes sociais, a ponto de haver um ataque pessoal. Em relação a um ambiente ser hostil, também já aconteceu. Uma vez eu estava com alguns amigos em um bar, e estávamos criticando o atual governo. Então, algumas pessoas que estavam em uma mesa ao lado se levantaram, alegando que estávamos defendendo ladrões, sendo que não estávamos defendendo ninguém, mas, sim, falando politicamente do governo.

FC: Ainda sobre essa questão política, a arte sofre diretamente uma enorme negligência pelo governo brasileiro (não só pelo atual, mas também pelos anteriores). Além disso, criou-se a imagem do artista brasileiro como um desocupado. Tendo em vista a importância da arte brasileira, como você vê esse aspecto, como escritor e fotógrafo?

L: Eu acho que é uma visão extremamente preconceituosa. Primeiro, é não entender o que é a arte no sentido de ser algo trabalhoso de se produzir. A arte é muito vista pela nossa sociedade como sendo um produto de uma inspiração genial momentânea, mas não é assim que funciona. Há muita pesquisa para produzir arte. Um exemplo disso é a vida de Proust, que escreveu “*Em busca do tempo perdido*”, que demonstra que isso era a vida dele. Então, o trabalho intelectual é tão trabalhoso como qualquer outro trabalho. A concepção do artista

como um desocupado é uma visão de quem não suporta gente inteligente, e isso reflete muito na nossa sociedade, que tem orgulho de dizer que não é inteligente. Uma sociedade que tem orgulho de dizer que tem de matar, tem de torturar... mas eu acredito que, com cada um fazendo sua parte, o conhecimento prevalecerá.

Gabriela Maciel

MÚSICA



Blonde on Blonde
Bob Dylan

Recentemente, o único músico vencedor de um Nobel, Bob Dylan, lançou seu primeiro álbum de inéditas em 12 anos: o maravilhoso “Rough and Rowdy ways” (Columbia Records). Meu ímpeto, ao começar a escrever esta coluna, logicamente foi recomendá-lo. Esse disco, no entanto, conta com faixas enormes, como o single “Murder Most Foul”, com 17 minutos, que só agradam a quem está completamente imerso no universo de Dylan.

Portanto, é preciso partir de algum ponto para chegar ao álbum de 2020, e me ocorreu então que a melhor porta de entrada para o trabalho de Bob Dylan é o disco “Blonde on Blonde” (Columbia), de 1966.

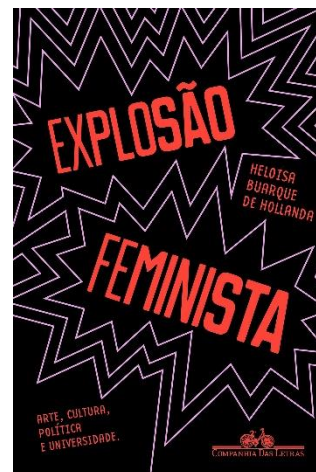
Um marco na transição do músico para um estilo mais próximo do então nascente rock `n` roll, com guitarras elétricas e sonoridade mais agressiva, muito criticado pelos fãs da sua fase folk do início dos anos 1960, esse álbum é fácil de ouvir e extremamente cativante, com clássicos da música universal como “Visions of Johanna” ou “I

Want You” (essa última com uma versão ótima no Brasil, “Tanto”, gravada pelo Skank).

Dylan é um dos nomes de maior prestígio da música mundial, e certamente o mais premiado na música popular. Por isso, “Blonde on Blonde” é o caminho para um mudo mágico: o interior de uma das maiores mentes do nosso tempo.

Diogo Leite

LITERATURA



Explosão Feminista
Heloísa Buarque de Holanda

Normalmente, quando um livro aparece nessa coluna, uma frase da respectiva obra é citada. Porém, esse é diferente, pois é um produto de intensas pesquisas e muitos estudos. Seria impossível escolher uma frase que represente todo esse conteúdo.

Explosão Feminista, da professora Heloísa Buarque de Holanda, aborda o movimento feminista no Brasil, e o crescimento impressionante do feminismo nacional. Sabe – se que existiram três ondas do feminismo. Esse livro, porém, coloca a hipótese (que já vem sendo explorada por alguns acadêmicos) da existência de uma quarta onda, que se diferenciaria da terceira por conta do uso das mídias sociais como ferramenta.

O livro apresenta com eficácia os acontecimentos dentro do movimento feminista no Brasil, explica algumas visões diferentes do feminismo e trás, principalmente, muitas informações dessa quarta onda, que estaríamos vivendo hoje. O estudo adota, como início desse novo período do movimento no Brasil, as manifestações que aconteceram juntamente com os protestos em 2013.

No que se trata de informação, o livro cumpre com excelência o seu papel, sendo uma leitura interessante principalmente para quem quer começar a estudar o movimento feminista, por abordar assuntos recentes e trazer uma explicação geral sobre alguns termos. Porém, o livro também apresenta uma abertura para o exercício do senso crítico em relação a como o movimento se apresenta atualmente, principalmente quando temos consciência de como foram as ondas anteriores. Mas, ao invés de apontar aqui esses aspectos, convido vocês a lerem esse livro, para que independentemente se questionem. Dessa forma, o senso crítico será construído pelo próprio leitor.

Gabriela Maciel

Desejo boa sorte a todos os participantes e que alcancem um desempenho incrível, mesmo com tempos difíceis de quarentena.

Henrique Bonatti

Editor chefe: Diogo Leite

Colunistas: Gabriela Maciel, Henrique Bonatti, Diogo Leite, Giovanna Fonseca, Lucas Faria e Luana Mendonça.

Repórteres: Ana Clara Santos, Isabella Fonseca e Gabriela Maciel

Assessor: Fernando dos Reis

CIÊNCIA

ONC divulga versão online de avaliação



A organização da Olimpíada Nacional de Ciências divulgou neste mês de julho o método online de avaliação, inédito até então. Visando contornar os problemas gerados pela pandemia do covid-19, esse método permite uma maior abrangência de estudantes, bem como a segurança desejada para os atletas.

Abrangendo as áreas da astronomia, física, biologia, história e química, a prova trará 20 questões de níveis variados, visando extrair o máximo de cada participante. A aplicação ocorrerá no dia 06 ou 07 de agosto (de acordo com a preferência da escola), abrangendo todos os interessados entre o 8º ano do Ensino Fundamental e o 3º do Ensino Médio. Para mais informações e dicas de como estudar para a competição basta acessar o site oficial: onciencias.org.

Nota do colunista: